

INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E PORTUGUESES

LUIS EDUARDO BRANDÃO PAIVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

SÍLVIA MARIA DIAS PEDRO REBOUÇAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

DAVI SAMPAIO MARQUES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

EVANGELINA DA SILVA SOUSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecemos à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo incentivo e apoio à pesquisa.

INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E PORTUGUESES

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo pode impactar no desenvolvimento econômico de um país, gerando emprego e renda para a sociedade (GEM, 2017; MILLER et al., 2009; NAJBERG et al., 2018; TEIXEIRA; DAVEY, 2010). Em consonância com discussões atuais sobre o empreendedorismo, enfatiza-se o seu impacto nos âmbitos econômico, social e ambiental, que Elkington (1998; 2013) denominou, por sua vez, de "*triple bottom line*".

Em relação ao empreendedorismo, destaca-se a intenção empreendedora, que é o principal fenômeno para se entender o empreendedorismo como um todo (BIRD, 1988; FAYOLLE; GAILLY, 2015; LIÑÁN; CHEN, 2009; LIÑÁN; FAYOLLE, 2015; NABI et al., 2018), podendo, ainda, ser considerada essencial e amplamente discutida para compreender e explicar o processo da formação de novos negócios (KRUEGER, 2017).

A intenção empreendedora está diretamente relacionada ao empreendedorismo, sendo um processo intrínseco do indivíduo (AUTONEN; VAN GELDEREN; FINK, 2015; LIÑÁN; CHEN, 2009). Diante disso, Ajzen (1991) salientou que a intenção é anterior ao comportamento real do empreendedorismo, isto é, antecipa a criação ou expansão de um determinado negócio. Liñán e Chen (2009), Thompson (2009), Teixeira e Davey (2010), Fayolle e Gailly (2015) e Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) apontam modelos baseados na intenção empreendedora, com foco em antecipar possíveis potenciais empreendedores.

Existem várias pesquisas que buscam associar as questões culturais ao empreendedorismo, dado que a intenção empreendedora é uma área consolidada de pesquisa dentro do domínio do empreendedorismo (FAYOLLE; LIÑÁN, 2014). A ideia sobre a criação de uma empresa (AUTIO et al., 2014; ZHANG; WANG; OWEN, 2015), e as questões culturais que influenciam os empreendedores (LIÑÁN; CHEN, 2009; THOMAS; MUELLER, 2000) elucidam discussões do contexto cultural relacionado ao empreendedorismo (LIÑÁN; CHEN, 2009; MORIANO et al., 2012; PAUL; HERMEL; SRIVATAVA, 2017).

Baseando-se nessas discussões, é pertinente destacar que o paradigma *cross-cultural* é um caminho para a contextualização de conceitos e teorias em prol de estudos que versam sobre contextos internacionais e multiculturais. Nessa perspectiva, vale-se elucidar que a cultura pode enaltecer uma possível comparação das diferenças inerentes a cada país (GUERRERO et al., 2014; HOFSTEDE, 2011; TOGHRAEE; MONJEZI, 2017), compreendendo-se, por sua vez, esse contexto no âmbito do empreendedorismo (PAUL; HERMEL; SRIVATAVA, 2017).

Dessa forma, fica evidente que investigações comparativas buscam, essencialmente, enriquecer estudos e analisar contextos culturais distintos (SHINNAR; GIACOMIN; JANSSEN, 2012). Considerando as discussões que contextualizaram o empreendedorismo, com ênfase na intenção empreendedora, assim como no contexto cultural, mostra-se o seguinte questionamento para este estudo: *Quem são os universitários brasileiros e portugueses com intenção empreendedora?* Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo verificar a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora.

De modo geral, a contribuição teórica deste estudo fundamenta-se na metodologia proposta Whetten (1989), respondendo aos critérios: "o quê"; "como"; "por quê"; "quem, onde e quando". No tocante ao "o quê", identifica-se a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora; "como", por meio da investigação empírica junto aos universitários brasileiros e portugueses; "por quê", após buscas em portais de pesquisas científicas, como *Spell* e *SciELO*, vê-se que são escassos os estudos que alinham o perfil dos universitários entre culturas distintas na intenção empreendedora; e "quem, onde e quando", são as limitações nas proposições das explicações da pesquisa científica, sendo esta

realizada em um momento específico, com estudantes universitários do curso de Administração, por estar relacionado à gestão, uma vez que Rasli et al. (2003), Lima et al. (2016) e Ferreira, Loiola e Gondim (2017) reforçam que eles podem ser mais instruídos e propensos ao empreendedorismo.

Espera-se, portanto, que os resultados desta pesquisa venham a fomentar o incentivo de políticas públicas voltadas às universidades, de modo a estimular a educação empreendedora por meio de disciplinas, projetos de extensão e parcerias entre universidades e empresas, sobretudo no contexto de diferentes culturas, pois pode possibilitar um panorama acerca de quem são os universitários com intenção empreendedora. Ademais, este estudo vislumbra reflexões para futuras pesquisas acerca da intenção empreendedora entre estudantes universitários de culturas distintas.

2 INTENÇÃO EMPREENDEDORA

Estudos e discussões a respeito da intenção empreendedora vêm ganhando visibilidade e relevância a partir, principalmente, das duas últimas décadas do Século XX, como por exemplo os trabalhos de Shapero e Sokol (1982) e Davidsson (1995); e do Século XXI, com Carvalho e González (2006), Liñán e Chen, (2009), Teixeira e Davey (2010), Bae et al. (2014), Fayolle e Gailly (2015), Krueger (2017) e Passaro, Quinto e Thomas (2018).

As obras seminais de Shapero marcam o ponto crucial de pesquisas referentes à intenção empreendedora (SHAPERO; SOKOL, 1982). Então, pesquisadores do campo de estudos do empreendedorismo reconheceram o valor da intenção empreendedora como peça chave para compreender o processo de criação de uma empresa (BIRD, 1988). Assim, com a evolução da literatura sobre a intenção empreendedora, algumas teorias foram consideradas cruciais para explicar esse fenômeno (AUTIO et al., 2001).

Desde a década de 1990, a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), proposta por Ajzen (1991), é referência para o campo dos estudos relacionados ao empreendedorismo, e com isso é possível, portanto, a partir dessa teoria e de suas abordagens, compreender crenças e comportamentos (DE LEEUW et al., 2015) que são preditores na explicação da intenção empreendedora (KRUEGER, 2017; LIÑÁN; CHEN, 2009). Shapero e Sokol (1982) enfatizaram, ainda, a importância da literatura empírica do empreendedorismo e das intenções empreendedoras, assim como o reconhecimento de modelos e teorias, como a TCP, que procuram identificar e explicar a intenção empreendedora (KRUEGER; CARSRUD, 1993); e Fayolle e Liñán (2014) e Schlaegel e Koenig (2014) reforçam que a intenção é essencial para se tratar do empreendedorismo.

A intenção é voltada ao que antecede o empreendedorismo (AJZEN, 1991), referindo-se ao processo de criação de empresas (KRUEGER; CARSRUD, 1993; SCHLAEGEL; KOENIG, 2014). Por sua vez, Krueger (2017) denota que a construção da intenção está fundamentada na tomada de decisão, e então são enfatizados aspectos relacionados a riscos e incertezas, como fatores contextuais e sociodemográficos. Nesse sentido, Paço et al. (2011) destacam que a intenção empreendedora é um aspecto crucial para se tratar do empreendedorismo; e Shapero e Sokol (1982) evidenciam a importância da literatura empírica do empreendedorismo e das intenções empreendedoras, assim como o reconhecimento de modelos que procuram explicar e identificar modelos básicos de intenção empreendedora (KRUEGER; CARSRUD, 1993).

Thompson (2009) elucida que a intenção do indivíduo é o "auto-reconhecido" para criar um empreendimento e conscientemente planejar fazê-lo crescer no futuro. A intenção empreendedora é uma condição necessária para que o indivíduo venha a se tornar um empreendedor. O Gem (2017) considera, ainda, que a intenção direciona os indivíduos para se tornarem futuros empreendedores nascentes (em estágios iniciais).

Carvalho e González (2006) demonstram fatores externos e individuais que influenciam a atitude-intenção comportamental, e que são denotados em estudos referentes à intenção empreendedora, visto que têm como foco prever aspectos comportamentais que procuram elucidar as intenções por meio de atitudes, levando-se como base, principalmente, a psicologia comportamental. Diante dessa perspectiva, Krueger e Carsrud (1993), Thompson (2009), Autio et al. (2014) e Kautonen, Gelderen e Fink (2015) acentuam também modelos baseados na intenção empreendedora, os quais contribuem para prever empreendedores, considerando, desta forma, o impacto deles na economia, na sociedade e no meio ambiente.

Bird (1988) evidenciou que a intenção empreendedora é um estado de espírito, uma meta, em que pode ser afetada por diversas situações, como habilidades, traços de personalidade, envolvente familiar e social. Krueger e Carsrud (1993) e Krueger e Brazeal (1994) enfatizaram traços de personalidade, aspectos demográficos e atitudinais - com maior flexibilidade aos fatores externos, tendo em vista que o maior preditor do comportamento é a intenção. Davidsson (1995) relacionou as variáveis pessoais, incluindo idade, gênero, educação, experiência de vida e de mudança, com uma variedade de atitudes que influenciam a intenção empreendedora.

A intenção do indivíduo em prol do empreendedorismo é evidenciado na literatura por ser influenciada por fatores, a saber: tempo, cooperação com outros, inovação e recursos financeiros (AUTIO et al., 2014; TEIXEIRA; DAVEY, 2010). Ademais, outros fatores podem também influenciar na intenção empreendedora: experiência profissional, gênero, idade e familiares empreendedores (KUCKERTZ; WAGNER, 2010; THOMPSON, 2009; BORGES; MONDO; MACHADO, 2016; SIEGER; MINOLA, 2017), e esses fatores estão no foco desta investigação empírica, considerando os estudantes universitários brasileiros e portugueses.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo guia-se pelo paradigma positivista, tratando-se de uma pesquisa quantitativa, de natureza descritiva. Ademais, é explicativa por estabelecer relações entre as variáveis sociodemográficas (MALHOTRA, 2011). O método utilizado para obtenção dos dados é uma *survey* intencional junto aos estudantes universitários brasileiros e portugueses (HAIR et al., 2009).

O curso de administração, considerando a perspectiva de Paço et al. (2011), apresenta estudos e práticas relacionadas ao empreendedorismo, o que ampara a justificativa desse curso para o universo investigado. Ademais, pode-se ressaltar a escolha dos universitários de Brasil e Portugal, corroborando a Thomas e Muller (2000), que listam alguns motivos considerados primordiais para a escolha dos estudantes universitários, no que tange a pesquisas relacionadas ao empreendedorismo, o que também se valem de contribuição para justificar a população escolhida nesta pesquisa: (i) dificuldade de acessibilidade dos empreendedores, visto que já têm seus negócios próprios; e (ii) relevância de analisar a intenção empreendedora dos estudantes universitários, tal como a homogeneidade da amostra, permitindo comparações entre culturas.

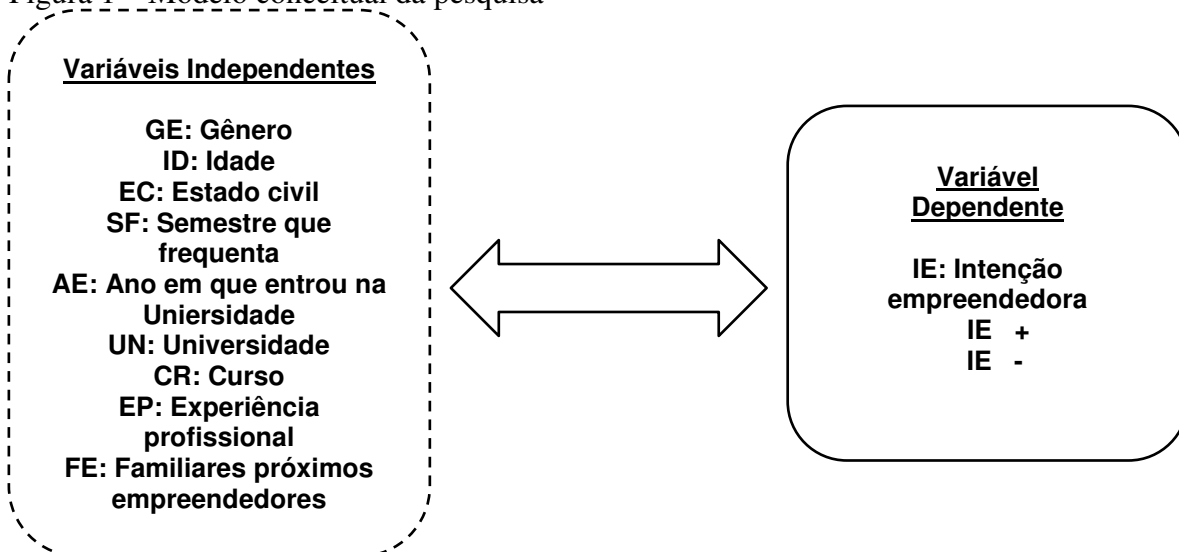
Foi obtida uma amostra de 397 estudantes universitários – 285 indivíduos de uma Universidade localizada no Nordeste do Brasil e 112 de uma Universidade localizada no Sul de Portugal, ambas com cursos relacionados à gestão e disciplinas voltadas ao empreendedorismo. Além disso, são Universidades que contribuem para o empreendedorismo local e nacional, além de estarem em cidades consideradas preponderantes para o turismo. Os dados foram coletados presencialmente com os indivíduos que responderam ao questionário, entre os meses de agosto e dezembro do ano de 2016.

Em uma perspectiva guiada para caracterizar o perfil dos universitários brasileiros e portugueses, consideram-se as pesquisas de Carvalho e González (2006) e Thompson (2009), enfatizando, sobretudo um conjunto de itens que permite mensurar aspectos relacionados às

variáveis sociodemográficas – que constituem o questionário da pesquisa, dentre estes, apontam-se: Gênero (GE); Idade (ID); Estado Civil (ES); Semestre que Frequenta (SF); Universidade (UN); Curso (CR) e Experiência Profissional (EP). Além destas, considera-se ainda os Familiares Próximos Empreendedores (FPE), variável pela qual elucida se os universitários têm pais empreendedores; ou se têm pais que já foram empreendedores, mas não mais; ou se têm pais que nunca foram empreendedores. Por estar relacionado a duas culturas distintas: Brasil e Portugal, esses grupos de amostras são nomeados, respectivamente: "Amostra Brasileira" e "Amostra Portuguesa".

Em relação à intenção empreendedora, utiliza-se a variável dicotômica "sim/não", perguntando se os estudantes universitários têm intenção em empreender nos próximos 5 anos, conforme propõe Thompson (2009). Adicionalmente, verifica-se se estes indivíduos já são empreendedores.

Figura 1 – Modelo conceitual da pesquisa



Fonte: Elaborada pelos autores.

+ indica com intenção empreendedora

- indica sem intenção empreendedora

As técnicas estatísticas utilizadas segmentam-se: (i) estatística descritiva, a qual permite a utilização de tabelas de frequência para verificar a intenção do estudante empreender, buscando-se retratar o perfil da amostra em relação a gênero, idade, semestre que frequenta, experiência profissional dos estudantes universitários e dos pais e país de origem, destacando, por sua vez, aspectos comparativos entre estudantes brasileiros e portugueses (valor p do qui-quadrado); e (ii) regressão logística (*Logistic Regression* – LR), a fim de verificar a relação entre uma variável dependente (intenção empreendedora em função das variáveis independentes (variáveis sociodemográficas – relacionadas ao perfil da amostra) (HAIR et al., 2009). Nesse contexto, considera-se que para a regressão logística, quanto menor o sig. (grau de significância), maior o poder de explicação da variável independente na variável dependente. Leva-se em consideração a perspectiva de Hair et al. (2009), sugerindo significância menor do que 0,05 para aceitação da variável na análise.

As análises estatísticas das respostas obtidas tiveram tratamento de dados com o auxílio do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.0 e do software R (*A language and environment for statistical computing*).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Amostra da pesquisa

A amostra é composta por 397 estudantes universitários, destes, 285 estudantes na "amostra brasileira", em que se verifica predominância dos estudantes universitários com Intenção Empreendedora (IE), em um total de 53,3%. As mulheres apresentam, de modo geral, um quantitativo menor do que os homens, considerando os indivíduos com IE (56,8% versus 50,3%). Quanto à "amostra portuguesa", constata-se um quantitativo de 112 indivíduos, em que apresenta 75,7% com IE, e os homens demonstraram um pouco mais de IE do que as mulheres (76,6% versus 73,8%).

Os universitários da "amostra portuguesa" mostraram-se predominância em ter IE, quando comparado com os universitários da "amostra brasileira" (75,7% versus 53,3%). Além disso, os estudantes universitários sem IE, exibiram (20% versus 40%) ao comparar as amostras: portuguesa e brasileira, respectivamente. Tomando, ainda, como base o alinhamento entre a IE dos indivíduos e a experiência profissional, mostra-se a Tabela 2, que além de caracterizar os indivíduos com IE, apresenta os indivíduos que já são empreendedores.

Tabela 2 – Tabulação cruzada entre experiência profissional x intenção empreendedora (Amostra Brasileira)

Experiência profissional	Intenção empreendedora			Total	Valor p do Qui-quadrado
	Sim	Não	Empreendedor		
Nunca trabalhou	39 58,2%	28 41,8%	0 0,0%	67 100,0%	0,000
Proprietário/sócio de uma empresa	8 34,8%	1 4,3%	14 60,9%	23 100,0%	
Trabalha em um setor privado	66 55,5%	50 42,0%	3 2,5%	119 100,0%	
Trabalha em um setor público	28 48,3%	29 50,0%	1 1,7%	58 100,0%	
Outra situação profissional	11 61,1%	6 33,3%	1 5,6%	18 100,0%	
Total	152 53,3%	114 40,0%	19 6,7%	285 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se como representatividade, dentre os indivíduos que nunca trabalharam, 58,2% com IE e 41,8% sem IE. Comparando a IE entre os indivíduos que trabalham nos setores público e privado; quem trabalha em setor privado manifestou ter mais IE (55,5%) do que quem trabalha em setor público (48,3%). Para os indivíduos que trabalham em outras situações profissionais, destaca-se 61,1% com IE, e isto difere de Kuckertz e Wagner (2010), pois estes autores ressaltaram em suas pesquisas que os indivíduos com experiência profissional mostravam, por sua vez, mais IE do que os indivíduos sem experiência profissional.

Além disso, justifica-se a significância dessa análise por meio do valor p do qui-quadrado 0,000, o que é fortemente aceitável, haja vista que de acordo com a literatura, existe um patamar mínimo de 0,05 para sua significância na análise. Maroco (2007) enfatiza que o teste do qui-quadrado permite testar se duas ou mais amostras (ou grupos) independentes diferem relativamente a uma determinada característica. Nessa perspectiva, devido a seu valor destacado na análise entre experiência profissional e IE, fundamenta-se que existe tal associação entre a experiência profissional do estudante universitário e a sua IE.

Considerando essa relação entre a experiência profissional para a amostra portuguesa, prevalece na amostra os indivíduos que nunca trabalharam, perfazendo 40,18%, em seguida,

tem-se os que trabalham em um setor privado, que é de 27,68%. Ademais, mostra-se a tabulação cruzada da IE com a experiência profissional, conforme observa-se na Tabela 3.

Tabela 3 – Tabulação cruzada entre experiência profissional x intenção empreendedora (Amostra Portuguesa)

Experiência profissional	Intenção empreendedora			Total	Valor p do Qui-quadrado
	Sim	Não	Empreendedor		
Nunca trabalhou	35 77,8%	10 22,2%	0 0,0%	45 100,0%	0,000
Proprietário/sócio de uma empresa	7 63,6%	0 0,0%	4 36,4%	11 100,0%	
Trabalha em um setor privado	25 80,6%	6 19,4%	0 0,0%	31 100,0%	
Trabalha em um setor público	6 100,0%	0 0,0%	0 0,0%	6 100,0%	
Outra situação profissional	11 57,9%	7 36,8%	1 5,3%	19 100,0%	
Total	84 75,0%	23 20,5%	5 4,5%	112 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Detecta-se, primeiramente, o valor p do qui-quadrado 0,000, visto que esse valor é fortemente aceitável na literatura, podendo-se apontar tal significância à análise – indicando que existe associação expressiva entre a experiência profissional e a IE na amostra portuguesa.

Pela Tabela 3 vê-se ainda que dentre os indivíduos que nunca trabalharam, 77,8% têm IE; e dos que trabalham em um setor privado, 80,6% têm IE. Vale enfatizar que todos os indivíduos que trabalham em um setor público têm IE. Diante desses dados apresentados na amostra portuguesa, constata-se que a experiência profissional não impacta diretamente na IE, o que se pode compreender que os indivíduos que nunca trabalharam e os indivíduos que estão inseridos no mercado de trabalho, tanto no setor público quanto no privado, têm IE, o que contradiz a perspectiva de Kuckertz e Wagner (2010).

Com o intuito de compreender a IE em relação aos universitários que têm pais empreendedores, variável nomeada de Familiares Próximos Empreendedores (FPE) ou experiência dos pais, enfatiza-se a influência da Teoria do Comportamento Planejado de Ajzen (1991), bem como os estudos de De Wit (1993), Van Praag (1997), Noorderhaven et al. (2003), Carvalho e González (2006), Almeida e Teixeira (2014), Steinmetz et al. (2016) e Ferreira, Loiola e Gondim (2017).

Tabela 4 – Tabulação cruzada entre experiência profissional dos pais x intenção empreendedora (Amostra Brasileira)

Experiência profissional dos pais	Intenção empreendedora			Total	Valor p do Qui - quadrado
	Sim	Não	Empreendedor		
Sim, pelo menos um é empreendedor	70 68,0%	23 22,3%	10 9,7%	103 100,0%	0,000
Não, mas pelo menos um já foi empreendedor	37 50,0%	34 45,9%	3 4,1%	74 100,0%	
Não, nenhum nunca foi empreendedor	45 41,7%	57 52,8%	6 5,6%	108 100,0%	
Total	152 53,3%	114 40,0%	19 6,7%	285 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Ressalta-se o valor p do qui-quadrado 0,000, o que é fortemente aceitável na literatura, podendo-se apontar tal significância à análise – indicando associação entre experiência profissional dos pais (familiares próximos empreendedores) e IE. Dessa maneira, os estudantes universitários que têm pais empreendedores e os que já tiveram pais empreendedores têm, por sua vez, mais IE quando comparado com os estudantes universitários que não têm pais empreendedores, e isto pode ser considerado essencial para verificar a influência dos familiares próximos empreendedores na IE dos estudantes universitários da amostra brasileira.

Diante dessa abordagem, vale corroborar a De Wit (1993), Van Praag (1997), Reynolds et al. (2002), Noorderhaven et al. (2003), Carvalho e González (2006), Teixeira e Forte (2009) e Teixeira e Davey (2010), Khuong e An (2016), Steinmetz et al. (2016), Wang, Wang e Chen (2017) e Zampetakis et al. (2017), que evidenciaram, em suas pesquisas, a influência dos pais (familiares próximos empreendedores) na IE dos indivíduos.

Acentua-se também a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), que aponta a influência da pressão social e dos familiares para as consequências do comportamento do indivíduo, podendo-se relacionar este comportamento ao empreendedorismo (AJZEN, 1991; LIÑÁN; CHEN, 2009). Percebe-se que os familiares próximos empreendedores são essenciais para incentivar e impulsionar a IE dos estudantes universitários.

Tomando-se como base a associação entre a experiência profissional e a intenção empreendedora da amostra portuguesa, é pertinente salientar que o valor p do qui-quadrado 0,557, e este valor mostra que não existe tal associação à análise entre experiência dos pais e IE na amostra portuguesa, conforme observa-se na Tabela 5.

Tabela 5 – Tabulação cruzada entre experiência profissional dos pais x intenção empreendedora (Amostra Portuguesa)

Experiência profissional dos pais	Intenção empreendedora				Valor p do Qui - quadrado
	Sim	Não	Empreendedor	Total	
Sim, pelo menos um é empreendedor	36 78,3%	8 17,4%	2 4,3%	46 100,0%	0,557
Não, mas pelo menos um já foi empreendedor	12 66,7%	4 22,2%	2 11,1%	18 100,0%	
Não, nenhum nunca foi empreendedor	36 75,0%	11 22,9%	1 2,1%	48 100,0%	
Total	84 75,0%	23 20,5%	5 4,5%	112 100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Apesar da não associação estatística nesse critério, aponta-se que os estudantes universitários que têm pais empreendedores, 78,3% têm IE; e dos que não têm pais empreendedores, 75% têm IE. Nota-se, portanto, um alto índice de IE na amostra portuguesa, que não mostrou influência estatisticamente significativa dos familiares próximos empreendedores na IE

Perante essas abordagens, ressalta-se que na amostra portuguesa ocorre predominância da IE para os estudantes universitários. O quantitativo de homens e mulheres com IE é próximo, embora os homens apresentaram ter um pouco mais de IE do que as mulheres. Identifica-se ainda que quase toda essa amostra é composta por indivíduos solteiros(as) e em todos os semestres foram identificados estudantes universitários com IE.

Nota-se, então, que para os estudantes universitários que têm pais empreendedores, 71,1% têm IE; no entanto, para quem têm pais que já foram empreendedores, porém não mais, 53,3% têm IE e para os indivíduos que têm pais que nunca foram empreendedores 51,9% têm IE, e isto é pertinente para inferir que existe relação entre a IE e os familiares próximos empreendedores. Esse resultado está de acordo, também, com os achados de vários

pesquisadores da área do empreendedorismo, a exemplo de Krueger e Brazeal (1994), Davidsson (2005), Reynolds et al. (2002), Carvalho e González (2006), Teixeira e Forte (2009), Teixeira e Davey (2010), Van Der Zwan, Thurik e Grilo (2010), Schoon e Duckworth (2012), Geldhof et al. (2014) e Wang, Wang e Chen (2017).

Enquanto que na amostra brasileira verificaram-se indícios estatisticamente significantes para a influência dos familiares próximos empreendedores na IE dos estudantes universitários, corroborando as pesquisas de Carvalho e González (2006), Teixeira e Davey (2010), Almeida e Teixeira (2014), Schlaegel e Koenig (2014), Fayolle e Gailly (2015), Randerson et al. (2015), Lima et al. (2016), Loiola et al. (2016), Paiva, Bandeira e Soares (2016) e Sieger e Minola (2017); na amostra portuguesa não ocorreram inferências estatisticamente significantes para essa influência.

4.2 Resultados dos modelos de regressão

O modelo teórico proposto para esta pesquisa é verificado por meio de dois modelos de regressão: (i) variável dependente – IE dos universitários da amostra brasileira; e (ii) variável dependente – IE dos universitários da amostra portuguesa. Diante disso, a utilização da regressão torna-se pertinente por buscar explicar a influência da IE dos estudantes universitários brasileiros e portugueses a partir das variáveis sociodemográficas (perfil dos universitários).

Vale ressaltar que os indivíduos que já são empreendedores, para fins de análise dos dados da regressão, foram incorporados aos indivíduos com IE, podendo-se considerar a variável dependente (intenção empreendedora) dicotômica ("sim" ou "não"). Isso se justifica devido a Ajzen (1991) considerar que quanto maior a intenção, mais provável é o comportamento; então, indivíduos com comportamentos empreendedores ou que já são empreendedores têm, conseqüentemente, IE.

Na primeira análise, considerando a amostra brasileira, ressaltam-se 285 indivíduos. O modelo tem eficiência de 69% para explicar a intenção empreendedora, expressando R² de Nagelkerke de 0,205, o que indica que o modelo é aceitável para explicar a variável dependente a partir das variáveis independentes (TABELA 6).

Tabela 6 – Resultados do modelo de regressão para a amostra brasileira

Variáveis do perfil da amostra	B	Sig.	Exp(B)
Sexo (Feminino)	-,625	,024	,535
Idade	-,042	,234	,959
Estado Civil		,957	
Estado Civil (Casado)	,068	,894	1,070
Estado Civil (Separado)	-,309	,818	,734
Ano que entrou na universidade	,043	,600	1,043
Experiência profissional		,073	
Experiência profissional (Proprietário de uma empresa)	2,959	,008	19,282
Experiência profissional (Trabalha em um setor privado)	,200	,561	1,222
Experiência profissional (Trabalha em um setor público)	-,115	,784	,891
Experiência profissional (Outra situação)	,350	,537	1,419
Experiência dos Pais		,000	
Experiência dos Pais (Não, mas pelo menos um já foi empreendedor)	-,947	,007	,388
Experiência dos Pais (Não, nenhum nunca foi empreendedor)	-1,371	,000	,254
Constante	-83,310	,610	,000

Fonte: Dados da pesquisa.

O sexo (Feminino) apresenta influência negativa na IE, destacando-se os valores p de 0,024, B de -0,625 e Exp (B) de 0,535, que permitem destacar que as mulheres têm 46,5% a menos de chances de terem IE, quando comparadas com os homens. Então, os homens estão mais propensos a terem IE, em consonância com Teixeira e Davey (2010) e Shinnar, Giacomini e Janssen (2012). Por sua vez, Van der Zwan, Verheul e Thurik (2012), ao investigarem 26168 indivíduos de trinta e dois países europeus, três asiáticos e nos EUA, constataram que os homens têm o dobro de chances de terem uma carreira mais voltada para o empreendedorismo do que as mulheres.

Os indivíduos que já são proprietários de empresas demonstraram ter IE, com valores p de 0,008, B de 2,959 e Exp (B) de 19,282, e isto entra em consonância com a Teoria do Comportamento Planejado, de Ajzen (1991), de que quanto maior for a IE, maior a probabilidade de o indivíduo realizar determinado comportamento. Vale corroborar aos resultados dos estudos empíricos de Carvalho e González (2006), Sánchez (2013) e Saeed et al. (2015), que examinaram aspectos comportamentais que podem influenciar na IE; assim como Paço et al. (2011) ressaltaram que a intenção é essencial para se compreender o empreendedorismo como um todo. Bird (1988) enfatiza, ainda, que a intenção empreendedora se refere a qualquer noção do indivíduo ligada para a criação de um novo empreendimento (novo negócio ou empresa), e os empreendedores guiaram-se por suas fortes intenções em criar determinado empreendimento.

Em relação aos familiares próximos empreendedores, consideram-se mais duas análises: (i) experiência dos pais (pelo menos um já foi empreendedor) – valores p de 0,007, B de -0,947 e Exp (B) de 0,388; e (ii) experiência dos pais (nenhum nunca foi empreendedor) – valores p de 0,000, B de -1,371 e Exp (B) de 0,254. Diante dessa análise, compreende-se que os indivíduos que não têm pais empreendedores tiveram influência negativa na IE. Logo, os indivíduos que tiveram pais empreendedores, mas não mais, obtiveram 61,2% de chances de não terem IE. Ademais, os indivíduos que nunca tiveram pais empreendedores apresentaram 74,6% de chances de não terem IE, e isto mostra a influência dos familiares próximos empreendedora na IE dos universitários, em concordância com Teixeira e Davey (2010), Fayolle e Gailly (2015), Paiva, Bandeira e Soares (2016) e Sieger e Minola (2017).

Ao considerar o outro modelo da regressão logística, retratam-se os resultados referentes à amostra portuguesa, com 112 indivíduos. O modelo detém uma eficiência de 80% para explicar a intenção empreendedora a partir das variáveis explicativas (ou independentes), apresentando R² de Nagelkerke de 0,258, que aponta também a aceitação do modelo para explicar a variável dependente a partir das variáveis independentes (TABELA 7).

Tabela 7 – Resultados do modelo de regressão para a amostra portuguesa

Variáveis do perfil da amostra	B	Sig.	Exp(B)
Sexo (Feminino)	-,155	,778	,857
Idade	,195	,288	1,215
Estado Civil		1,000	
Estado Civil (Casado)	20,385	1,000	713280375,348
Estado Civil (Separado)	-20,826	1,000	,000
Ano que entrou na universidade	-,516	,018	,597
Experiência profissional		,958	
Experiência profissional (Proprietário de uma empresa)	19,747	,999	376654344,764
Experiência profissional (Trabalha em um setor privado)	,162	,792	1,176
Experiência profissional (Trabalha em um setor público)	20,571	,999	859172299,023
Experiência profissional (Outra situação)	-,407	,539	,665
Experiência dos Pais		,880	

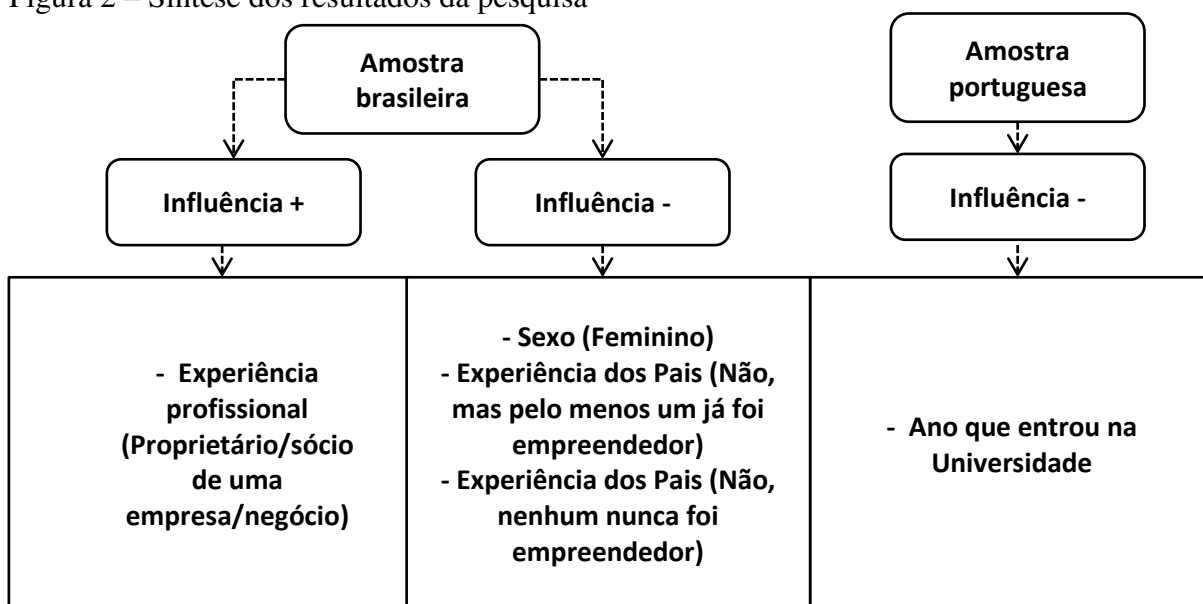
Experiência dos Pais (Não, mas pelo menos um já foi empreendedor)	-,094	,905	,911
Experiência dos Pais (Não, nenhum nunca foi empreendedor)	-,283	,618	,753
Constante	-1,009	,764	,365

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que apenas a variável – ano em que entrou na universidade – teve influência negativa na IE dos universitários portugueses, com os valores p de 0,018, B de -0,516 e Exp (B) de 0,597. Dessa forma, argumenta-se que quanto maior o ano em que o universitário português entrou na universidade, menor a sua IE. Estes, por sua vez, têm 40,3% de chances a menos de terem IE, quando comparado os indivíduos que entraram em anos anteriores (ou seja, de semestres mais avançados). Para essa amostra, todas as outras análises no modelo de regressão, que pretendiam verificar suas influências na IE, não foram significantes para explicar tal análise.

Pela Figura 2 aborda-se uma síntese dos resultados dos dois modelos de regressão para ambas as amostras (brasileira e portuguesa), que indicam uma sumarização da influência do perfil dos estudantes universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora.

Figura 2 – Síntese dos resultados da pesquisa



Fonte: Elaborada pelos autores.

+ positiva

- negativa

De modo geral, esses resultados possibilitam uma melhor compreensão acerca do perfil dos universitários brasileiros e portugueses que têm intenção empreendedora. Diante disso, reforça-se que conhecer os indivíduos que têm IE entre culturas distintas possibilita, por sua vez, apresentar um panorama dos possíveis potenciais empreendedores (KRUEGER, 2017; SHINNAR; GIACOMIN; JANSSEN, 2012), considerando os brasileiros e portugueses, os quais podem impactar também na economia, na sociedade e no meio ambiente.

5 CONCLUSÕES

Este estudo teve como principal diretriz verificar a influência do perfil dos universitários brasileiros e portugueses na intenção empreendedora. Em uma perspectiva central, foram

retratados os perfis dos universitários de duas Universidades (uma no Brasil e outra em Portugal), em que a metodologia aplicada se mostrou pertinente às análises e permitiu verificar tais influências.

Na amostra brasileira, dentre os 285 universitários, 53,3% mostrou ter IE. Ademais, os universitários que têm pais empreendedores e os que já tiveram pais empreendedores, mas não são mais, mostraram predominância em ter IE, e isto ratifica a influência dos familiares próximos empreendedores na IE, conforme Davidsson (1995), Carvalho e González (2006), Bae et al. (2014), Schlaegel e Koenig (2014) e Fayolle e Gailly (2015) apontaram que os indivíduos com familiares que têm negócios próprios, tendem, então, a seguirem carreiras voltadas para o empreendedorismo, demonstrando mais IE.

Em relação à amostra portuguesa, foram evidenciados que, diante de uma amostra composta por 112 indivíduos, 75,7% tiveram IE. Nesse contexto, a intenção empreendedora (anterior ao comportamento empreendedor) foi recorrente para os universitários portugueses, e isto coincide com a perspectiva de Ribeiro et al. (2016), os quais argumentam que o empreendedorismo é uma necessidade constante do mercado global e competitivo de Portugal, que proporciona emprego e renda para a sociedade.

De modo geral, em ambas as amostras, foram detectados mais homens do que mulheres com IE, podendo-se, assim, verificar que o gênero ainda detém um certo impacto no empreendedorismo. A população feminina, tradicionalmente, está menos inserida do que a masculina. O empreendedorismo feminino, embora recente no Brasil (TEIXEIRA; BOMFIM, 2016), está em ascensão, visto que a quantidade de mulheres empreendedoras cresce rapidamente. Todavia, nesta investigação os homens relevaram ainda ter mais IE do que as mulheres, embora com uma diferença pequena.

Os modelos de regressão permitiram apontar os seguintes resultados: (i) na "amostra brasileira", influência positiva: Experiência profissional (Proprietário de uma empresa), alinhando à Teoria do Comportamento Planejado (TCP), de Ajzen (1991), que mostra que quanto maior a intenção, mais provável é o comportamento empreendedor; e influência negativa: sexo (feminino); Experiência dos Pais (Não, mas pelo menos um já foi empreendedor) e Experiência dos Pais (Não, nenhum nunca foi empreendedor), verificando-se, além da predisposição do homem para o empreendedorismo, forte influência da TCP, acerca da influência das normas sociais – do contexto familiar na IE do indivíduo; e (ii) na amostra portuguesa, identificou-se apenas uma influência negativa, que está relacionada ao ano em que o estudante entrou na universidade, ou seja, quanto mais recente o ano em que este entrou na universidade, menor a sua intenção empreendedora, retratando-se maior propensão para o empreendedorismo àqueles dos últimos semestres.

Diante do impacto desta pesquisa no curto prazo, fundamenta-se no incentivo do estabelecimento de políticas e práticas às Instituições de Ensino Superior (IES), a fim de impulsionar e motivar o empreendedorismo, condicionando o desenvolvimento de universidades mais empreendedoras (GUERRERO; URBANO, 2012). Em uma perspectiva de longo prazo, impacta diretamente no empreendedorismo como um todo, podendo-se alinhar ao *triple bottom line* (ELKINGTON, 1998; 2013), no tocante às esferas econômica, social e ambiental.

Em futuras pesquisas, para suplantarem algumas limitações desta investigação, a IE e o perfil dos universitários de outros países poderiam ser analisados em pesquisas longitudinais, considerando ainda outras universidades e outros países, o que, a partir de então, poderiam ser feitos estudos comparativos entre os perfis dos universitários com IE, de modo a se ter um panorama sobre os universitários que tem mais propensão a empreender. Assim, é necessário continuar com pesquisas sobre intenção empreendedora entre culturas distintas para contribuir com os avanços nessa área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational behavior and human decision processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.
- ALMEIDA, F. S.; TEIXEIRA, R. M. influência da família e das redes sociais na criação de negócios. **Revista Pretexto**, v. 15, n. 2, p. 110-128, 2014.
- AUTIO, E.; KEELEY, R.; KLOFSTEN, M.; GC PARKER, G.; HAY, M. Entrepreneurial intent among students in Scandinavia and in the USA. **Enterprise and Innovation Management Studies**, v. 2, n. 2, p. 145-160, 2001.
- AUTIO, E.; KENNEY, M.; MUSTAR, P.; SIEGEL, D.; WRIGHT, M. Entrepreneurial innovation: The importance of context. **Research Policy**, v. 43, n. 7, p. 1097-1108, 2014.
- BAE, T. J.; QIAN, S.; MIAO, C.; FIET, J. O. The Relationship between Entrepreneurship Education and Entrepreneurial Intentions: A Meta-Analytic Review. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 38, n. 2, p. 217-254, 2014.
- BARBA-SÁNCHEZ, V.; ATIENZA-SAHUQUILLO, C. Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. **European Research on Management and Business Economics**, v. 24, n. 1, p. 53-61, 2018.
- BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. **Academy of Management Review**, v. 13, n. 3, p. 442-453, 1988.
- BORGES, W. J.; MONDO, T. S.; MACHADO, H. V. A influência do meio sobre o empreendedorismo a partir das dimensões normativa, regulativa e cognitiva. **Revista Pretexto**, v. 17, n. 2, p. 66-80, 2016.
- CARVALHO, P. M. R.; GONZÁLEZ, L. Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. **Comportamento Organizacional e Gestão**, v. 12, n. 1, p. 43-65, 2006.
- DAVIDSSON, P. Paul D. Reynolds: Entrepreneurship research innovator, coordinator, and disseminator. **Small Business Economics**, v. 24, n. 4, p. 351-358, 2005.
- DE LEEUW, A.; VALOIS, P.; AJZEN, I.; SCHMIDT, P. Using the theory of planned behavior to identify key beliefs underlying pro-environmental behavior in high-school students: Implications for educational interventions. **Journal of Environmental Psychology**, v. 42, p. 128-138, 2015.
- DE WIT, G. An m-sector, n-group behavioral model of self-employment. In: **Determinants of Self-employment**. Physica-Verlag HD, 1993. p. 45-85.
- ELKINGTON, J. Partnerships from cannibals with forks: The triple bottom line of 21st-century business. **Environmental Quality Management**, v. 8, n. 1, p. 37-51, 1998.
- ELKINGTON, J. Enter the triple bottom line. In: **The triple bottom line**. Routledge, 2013. p. 23-38.
- FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015.
- FAYOLLE, A.; LIÑÁN, F. The future of research on entrepreneurial intentions. **Journal of Business Research**, v. 67, n. 5, p. 663-666, 2014.
- FERREIRA, A. S. M.; LOIOLA, E.; GONDIM, S. M. G. Preditores individuais e contextuais da intenção empreendedora entre universitários: revisão de literatura. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 2, p. 292-308, 2017.
- GELDHOF, G. J.; WEINER, M.; AGANS, J. P.; MUELLER, M. K.; LERNER, R. M. Understanding entrepreneurial intent in late adolescence: The role of intentional self-regulation and innovation. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 43, n. 1, p. 81-91, 2014.
- GEM - **Global Entrepreneurship Monitor**: Global Report 2016/17. Global Entrepreneurship Research Association (GERA), 2017.

GUERRERO, M.; URBANO, D. The development of an entrepreneurial university. **The Journal of Technology Transfer**, v. 37, n. 1, p. 43-74, 2012.

GUERRERO, M.; URBANO, D.; CUNNINGHAM, J.; ORGAN, D. Entrepreneurial universities in two European regions: A case study comparison. **The Journal of Technology Transfer**, v. 39, n. 3, p. 415-434, 2014.

HAIR, J. F. BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. Bookman Editora, 2009.

HOFSTEDE, G. Dimensionalizing cultures: The Hofstede model in context. **Online Readings in Psychology and Culture**, v. 2, n. 1, p. 1-26, 2011.

KAUTONEN, T.; VAN GELDEREN, M.; FINK, M. Robustness of the theory of planned behavior in predicting entrepreneurial intentions and actions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, n. 3, p. 655-674, 2015.

KHUONG, M. N.; AN, N. H. The factors affecting entrepreneurial intention of the students of Vietnam national university - a mediation analysis of perception toward entrepreneurship. **Journal of Economics, Business and Management**, v. 4, n. 2, p. 104-111, 2016.

KRUEGER, N. F.; CARSRUD, A. L. Entrepreneurial intentions: applying the theory of planned behaviour. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 5, n. 4, p. 315-330, 1993.

KRUEGER, N. F.; BRAZEAL, D. V. Entrepreneurial potential and potential entrepreneurs. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 18, n. 3, p. 91-104, 1994.

KRUEGER, N. F. Entrepreneurial intentions are dead: Long live entrepreneurial intentions. In: **Revisiting the Entrepreneurial Mind**. Springer, Cham, 2017. p. 13-34.

KUCKERTZ, A.; WAGNER, M. The influence of sustainability orientation on entrepreneurial intentions - Investigating the role of business experience. **Journal of Business Venturing**, v. 25, n. 5, p. 524-539, 2010.

LIMA, S. H. O.; CEGLIA, D.; REBOUÇAS, S. M. D. P.; TEIXEIRA, A. A. C. Modelagem de Intenção Empreendedora de Estudantes Universitários Usando Equações Estruturais. **Revista Pretexto**, v. 17, n. 2, p. 42-65, 2016.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. W. Development and Cross-Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 593-617, 2009.

LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A. A systematic literature review on entrepreneurial intentions: citation, thematic analyses, and research agenda. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 11, n. 4, p. 907-933, 2015.

MAROCO, J. **Análise estatística: com utilização do SPSS**. 2007.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Bookman Editora, 2012.

MILLER, B. K.; BELL, J. D.; PALMER, M.; GONZALEZ, A. Predictors of entrepreneurial intentions: a quasi-experiment comparing students enrolled in introductory management and entrepreneurship classes. **Journal of Business & Entrepreneurship**, v. 21, n. 2, P. 39-62, 2009.

MORIANO, J. A. GORGIEVSKI, M.; LAGUNA, M.; STEPHAN, U.; ZARAFSHANI, K. A cross-cultural approach to understanding entrepreneurial intention. **Journal of Career Development**, v. 39, n. 2, p. 162-185, 2012.

NABI, G.; WALMSLEY, A.; LIÑÁN, F.; AKHTAR, I.; NEAME, C. Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 3, p. 452-467, 2018.

NAJBERG, E.; CARVALHO, J. B.; FERREIRA, V. D. R. S.; FREITAG, M. S. B. Prêmio Empreendedor Social: Quem São, O Que Fazem e Quais os Impactos de Suas Ações? **Gestão e Sociedade**, v. 12, n. 32, p. 2257-2286, 2018.

NOORDERHAVEN, N.; THURIK, R.; WENNEKERS, S.; VAN STEL, A. J. Self-employment across 15 European countries. 2003.

PAIVA, L. E. B.; BANDEIRA, E. L.; SOARES, R. A. Aspectos comportamentais do empreendedorismo sustentável na intenção empreendedora dos estudantes universitários. ENANPAD - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. **Anais...** Costa do Sauípe, BA, 40, 2016.

PASSARO, R.; QUINTO, I.; THOMAS, A. The impact of higher education on entrepreneurial intention and human capital. **Journal of Intellectual Capital**, v. 19, n. 1, p. 135-156, 2018.

PAUL, J; HERMEL, P.; SRIVATAVA, A. Entrepreneurial intentions - theory and evidence from Asia, America, and Europe. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 15, n. 3, p. 324-351, 2017.

PAÇO, A. M. F.; FERREIRA, J. M.; RAPOSO, M.; RODRIGUES, R. G.; DINIS, A. Behaviours and entrepreneurial intention: Empirical findings about secondary students. **Journal of International Entrepreneurship**, v. 9, n. 1, p. 20-38, 2011.

RASLI, A.; KHAN, S. U. R.; MALEKIFAR, S.; JABEEN, S. Factors affecting entrepreneurial intention among graduate students of Universiti Teknologi Malaysia. **International Journal of Business and Social Science**, v. 4, n. 2, p. 182-188, 2013.

RIBEIRO, M. I.; FERNANDES, A.; CABO, P.; MATOS, A. Empreendedorismo, inovação e desenvolvimento local: as micro e pequenas empresas do interior norte de Portugal. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas**, v. 1, n. 3, p. 34-53, 2016.

REYNOLDS, P. D.; CAMP, S. M.; BYGRAVE, W. D.; AUTIO, E.; HAY, M. **Global entrepreneurship monitor gem 2001 summary report**. London Business School and Babson College, 2002.

SAEED, S.; YOUSAFZAI, S. Y.; YANI-DE-SORIANO, M.; MUFFATTO, M. The role of perceived university support in the formation of students' entrepreneurial intention. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 4, p. 1127-1145, 2015.

SÁNCHEZ, J. C. The impact of an entrepreneurship education program on entrepreneurial competencies and intention. **Journal of Small Business Management**, v. 51, n. 3, p. 447-465, 2013.

SCHOON, I.; DUCKWORTH, K. Who becomes an entrepreneur? Early life experiences as predictors of entrepreneurship. **Developmental Psychology**, v. 48, n. 6, p. 1719-1726, 2012.

SHINNAR, R. S.; GIACOMIN, O.; JANSSEN, F. Entrepreneurial perceptions and intentions: The role of gender and culture. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 3, p. 465-493, 2012.

SHAPERO, A.; SOKOL, L. **The social dimensions of entrepreneurship**. 1982.

SIEGER, P.; MINOLA, T. The family's financial support as a "Poisoned gift": A family embeddedness perspective on entrepreneurial intentions. **Journal of Small Business Management**, v. 55, p. 179-204, 2017.

STEINMETZ, H.; KNAPPSTEIN, M.; AJZEN, I.; SCHMIDT, P.; KABST, R. How effective are behavior change interventions based on the theory of planned behavior? **Zeitschrift für Psychologie**, v. 224, n. 3, p. 216-233, 2016.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44-63, 2016.

TEIXEIRA, A. A. C.; DAVEY, T. Attitudes of higher education students to new venture creation: The relevance of competencies and contextual factors. **Industry and Higher Education**, v. 24, n. 5, p. 323-341, 2010.

- TEIXEIRA, A. A. C.; FORTE R. P. **Unbounding entrepreneurial intents of university students: a multidisciplinary perspective.** Universidade do Porto, Faculdade de Economia do Porto, 2009.
- THOMAS, A. S.; MUELLER, S. L. A case for comparative entrepreneurship: Assessing the relevance of culture. **Journal of International Business Studies**, v. 31, n. 2, p. 287-301, 2000.
- THOMPSON, E. R. Individual entrepreneurial intent: Construct clarification and development of an internationally reliable metric. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n. 3, p. 669-694, 2009.
- TOGHRAEE, M. T.; MONJEZI, M. Introduction to Cultural Entrepreneurship: Cultural Entrepreneurship in Developing Countries. **International Review of Management and Marketing**, v. 7, n. 4, p. 67-73, 2017.
- VAN PRAAG, C. M. **Determinants of succesful entrepreneurship.** 1997.
- WANG, D.; WANG, L.; CHEN, L. Unlocking the influence of family business exposure on entrepreneurial intentions. **International Entrepreneurship and Management Journal**, p. 1-24, 2017.
- WHETTEN, D. A. What constitutes a theoretical contribution? **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 490-495, 1989.
- ZAMPETAKIS, L. A.; BAKATSAKI, M.; LITOS, C.; KAFETSIOS, K. G.; MOUSTAKIS, V. Gender-based Differential Item Functioning in the Application of the Theory of Planned Behavior for the Study of Entrepreneurial Intentions. **Frontiers in Psychology**, v. 8, p. 451, 2017.
- ZHANG, P.; WANG, D. D.; OWEN, C. L. A study of entrepreneurial intention of university students. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 5, n. 1, p. 61-82, 2015.